

CONTRIBUIÇÕES DO PIBID PARA O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA NAS SÉRIES DOS ANOS INICIAIS

Valkênia Kuirilly Gomes de Souto (1) - UEPB

Karen Ohana Sousa Bastos (2) – UEPB

Elisabete Carlos do Vale (3) - UEPB

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB (Campus I)

souto.valkenia@gmail.com

karenbaastos@hotmail.com

Elisabete.vale1@gmail.com

Resumo: Sabe-se que o Sistema de Ciclos originou-se no ano de 1996, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), desde então os alunos só poderiam ser retidos ao final de um ciclo, diferente do sistema de seriação, onde os alunos eram avaliados e poderiam ser retidos ao final do ano. Este sistema entrou em vigor com o intuito de diminuir a evasão nas salas de aulas e o alto índice de reprovações, mas por outro lado podemos perceber que devido a esse sistema foi-se criando uma lacuna quanto a aprendizagem dos alunos nas escolas públicas, pois os alunos não poderiam ser retidos e estavam chegando ao terceiro/quarto ano sem saber ler e escrever, como também não conheciam os números entre outros. Tendo em vista esta situação, objetivamos a partir da nossa experiência, vivenciada por intermédio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), nos anos de 2016 e 2017, decidimos pensar as questões que cingem o letramento a partir da nossa experiência na sala de aula, na Escola Maria José de Carvalho Sousa, turma do terceiro ano do Ensino Fundamental I, turno da tarde, bairro Vila Cabral de Santa Teresinha e na Escola Rivanildo Sandro Arco Verde, na turma do quinto ano do Ensino Fundamental I, turno da tarde, no bairro do Presidente Médice, ambas escolas municipais, localizadas na cidade de Campina Grande-Paraíba, assim como discutir acerca da psicolinguística argentina Emília Ferreiro que desvendou os mecanismos pelos quais as crianças devem aprender a ler e escrever, sendo uma das principais bases teóricas para nossa pesquisa.

Palavras-chave: Alfabetização; Sistema de ciclo; PIBID.

Introdução

Quando falamos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, um dos assuntos mais recorrente a este é sobre a alfabetização das crianças, principalmente no que diz respeito a leitura e a escrita destas, a partir da nossa experiência pessoal nas Escola Maria José de Carvalho Sousa, em uma turma do terceiro ano, e na Escola Rivanildo Sandro do Arco Verde, em uma turma do quinto ano, resolvemos discutir a importância da nossa intervenção para com os alunos, auxiliando os mesmos quando preciso e explanar a importância do mesmo para a nossa formação como futuras pedagogas.

Tivemos como base teórica Emília Ferreiro, pois seus estudos tem grande influência e importância quando se refere a alfabetização, a mesma critica o método tradicional de ensino e dar um suporte para entendermos o processo de desenvolvimento de uma criança na leitura e na escrita, desta forma seus estudos foram de grande relevância para nossa reflexão. Em nosso artigo fazemos uma reflexão ao sistema de ciclos, que seria um sistema de progressão continuada, no qual o aluno não poderia ser retido antes do final de um ciclo, os mesmos

durariam 3 anos, desta forma os alunos só poderiam ser reprovados a cada 3 anos, e isto trouxe um déficit na aprendizagem do aluno, pois o problema em sua aprendizagem só foi passado a diante, não foi trabalho em cima dele.

Sendo assim tivemos como objetivo principal analisar o nível de alfabetização que os alunos do 3º e 5º anos se encontram, trabalhando em cima deles para possibilitar ao educando uma melhor aprendizagem e possibilidade de sucesso nas series seguintes.

Metodologia

O presente artigo foi construído a partir das experiências de duas alunas bolsistas que participam do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, utilizando de uma abordagem direta, pois pesquisamos e trabalhamos diretamente aos alunos, com o intuito de discutir sobre os problemas acerca do nível de leitura e escrita dos alunos de duas escola municipais na cidade de Campina Grande, como também explanar as contribuições de Emília Ferreiro através da psicogênese da língua escrita e debater os possíveis efeitos do sistema de ciclos e da seriação no desenvolvimento escolar dos alunos das escolas.

Resultados e Discussões

O Pibid

Um dos assuntos mais discutidos no âmbito educacional, no ensino superior, no que se trata dos cursos de licenciatura é sobre a experiência em sala de aula como professor, enquanto estudante, tendo em vista que muitos alunos não tem oportunidade de estar em sala de aula, pondo em prática as teorias que são estudas na universidade, pois os estágios que são dispostos durante o curso não suprem a nossa necessidade quanto à experiência. Tendo em vista esta questão começamos aqui a falar sobre o Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (PIBID) e a importância do mesmo para nossa formação profissional. Este programa é direcionado apenas aos estudantes universitários dos cursos de licenciatura.

Segundo a portaria nº 260, de 30 de dezembro de 2010, como está descrito na Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) este projeto objetiva:

- a) Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- b) Contribuir para a valorização do magistério;
- c) Elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre a educação superior e a educação básica;
- d) Inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências

metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de carácter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;

e) Incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como conformadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério;

f) Contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura. (Brasil, 2010)

Considerando que fomos introduzidas no projeto no ano de 2016 e pudemos acompanhar quatro turmas, terceiro ano (2016), terceiro ano (2017), na escola Maria José de Carvalho Sousa e quinto ano (2016), quinto ano (2017), na Escola Rivanildo Sandro Arco Verde, discutimos o letramento nessas turmas e as dificuldades de aprendizagem dos alunos.

Alguns equívocos a respeito da alfabetização

O que costumamos ouvir é que o 1º ano do ensino fundamental I é o ano escolar que deve alfabetizar as crianças, porém sabemos que não é bem assim que funciona, cada criança tem um ritmo de desenvolvimento e cada criança tem suas dificuldades particulares em sua alfabetização, ou seja, durante todo o ensino fundamental I as professoras responsáveis pela educação das crianças estão alfabetizando as mesmas, Soares e Batista (2005) explana isso em sua escrita:

Até muito recentemente, considerava-se que a entrada da criança no mundo da escrita se fazia apenas pela alfabetização, pelo aprendizado das “primeiras letras”, pelo desenvolvimento das habilidades de codificação e de decodificação. O uso da linguagem escrita, em práticas sociais de leitura e produção de textos, seria uma etapa posterior à alfabetização, devendo ser desenvolvido nas séries seguintes.

Estamos falando em alfabetização, mas precisamos estar cientes do significado da palavra para que nosso entendimento a respeito do tema seja realizado de forma correta, Soares e Batista (2005) traz um significado simples e de fácil entendimento, nele o a alfabetização:

(...) designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica. O domínio dessa tecnologia envolve um conjunto de conhecimentos e procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação quanto às capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita.

Diante do que os autores expõem vemos que o sistema de representação da escrita se difere de outras representações, como por exemplo, a dos desenhos, sendo assim o que está

sendo escrito representa algo, representa o que autor desta escrita deseja falar, e a criança precisa adquirir certa maturidade para ler e escrever, e não só isso, ele precisa adquirir maturidade para manipular os instrumentos referente a escrita, como o lápis, a borracha... precisa ter uma caligrafia legível, saber a postura adequada para ler, isto requer tempo, não prendemos tudo em apenas um ano escolar, sendo assim a alfabetização ocorre por todo o ensino fundamental I.

É errado acreditar que é a criança tem contato com a leitura e escrita apenas na escola, que ela seria um papel em branco, sem conhecimento algum antes de sua entrada na escola, Emília Ferreiro (1999, p.105) explana isso durante seus estudos com a psicogênese da língua escrita quando se refere as conceitualizações:

(...) as crianças possuem conceitualizações sobre a natureza da escrita muito antes da intervenção de um ensino sistemático. Porém, além disso, essas conceitualizações não são arbitrárias, mas sim possuem uma lógica interna que as torna explicáveis e compreensíveis sob um ponto de vista psicogenético.

A criança quando ingressa na escola traz uma bagagem do que aprendeu em casa, ela traz o que aprendeu através da interação com o outro, antes do conhecimento do que realmente é a escrita as crianças costumam brincar de rabiscar, elas atribuem um significado aos traços desenhados, então ela possui ideias do que seria o sistema de escrita, e isto ela aprendeu em casa, aprendeu com as interações feitas em casa.

Contribuições de Emília Ferreiro através da Psicogênese da Língua Escrita

Durante nossos estudos com a Psicogênese da Língua Escrita, percebemos que através da crítica ao modelo de ensino Tradicional, houve uma revolução na maneira como os professores ensinavam, no modelo Tradicional o professor era aquele que dominava os conteúdos, ou seja, o aluno estava na sala apenas para receber as informações vindas do professor, este modelo de educação seria o acúmulo de informações, o aluno não participava do processo de construção do conhecimento, e era constantemente avaliado para saber se conseguiu aprender e acompanhar o que estava sendo ensinado, caso contrário ele seria retido, aqui se valorizava a quantidade de conteúdos passados. No livro vemos que Ferreiro (p.21) fala a respeito dos métodos tradicionais: “(...) métodos sintéticos, que partem de elementos menores que a palavra, e métodos analíticos, que partem da palavra ou de unidades maiores”, que é relacionado ao ensino da leitura, o qual os alunos se baseavam na junção de sílabas, na memorização de sons e cópias e na reprodução das informações que recebiam.

Em contra partida, Emília Ferreiro através de seus estudos relacionados ao Construtivismo de Piaget, mostrou que aquilo que a criança conhecia antes de entrar na escola precisa ser considerado, mostrando com isso que a criança também constrói seu próprio conhecimento. Através da Psicogênese vemos que as crianças passam por fases e níveis, são eles: fase pré-silábica (nível 1 e 2), silábica (nível 3), silábica-alfabética (nível 4) e alfabética.

Na fase pré-silábica encontramos o nível 1, no qual a escrita se assemelha ao desenho, os traços da escrita pode apresentar algo que se assemelhe a vários “m” juntos, deste modo apenas a criança decifra o que escreve, e o nível 2, que o tamanho do letra (da escrita) é associado ao tamanho da palavra que deve ser escrita, a quantidade de letras também acompanha o tamanho da palavra, os números geralmente são escritos misturados com as letras, e as letras são soltas, não são associadas ao som que é falado, sendo assim a criança utiliza das letras que conhece para escrever as palavras solicitadas.

A fase silábica faz parte do nível 3, e aqui a criança já associa o som a silaba que deve ser escrita, mas aqui há também uma associação da escrita com a maneira que a palavra é pronunciada, sendo assim se a criança pronuncia a palavra de forma equivocada, a sua escrita possivelmente estará errada, pois ela escreve da maneira que fala.

O nível 4 é encontrado na fase silábica-alfabética, no qual a escrita vai estar relacionada a sua forma sonora, por último temos a fase alfabética, aqui a criança depois de ter passado por todas as fases anteriores tenta organizar a sua ortografia, para que a ortografia utilizada na sua escrita seja correta.

Com essas contribuições a criança passou a ser valorizada pelo seu conhecimento, que s torna valorizado e respeitado, isto de acordo com a fase e o nível em que a mesma se encontra, mas precisamos lembrar que alfabetizamos não só criança, mas também os adultos, a respeito disso, Emília Ferreiro (1999, p. 19) fala que:

Não podemos esquecer, porém, que a alfabetização tem duas faces: uma, relativa aos adultos, e a outra, relativa às crianças. Se em relação aos adultos trata-se de sanar uma carência, no caso das crianças trata-se de prevenir, de realizar o necessário para que essas crianças não se convertam em futuros analfabetos.

Desta forma nosso olhar não deve apenas estar voltado para a criança, mas para o indivíduo, independente de sua escolaridade ou idade.

Sistema de ciclos

O sistema de ciclo surgiu no ano de 1996, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), esse sistema se propunha a progressão continuada, ou seja, os alunos não seriam “avaliados” no decorrer do seu ano letivo, eles só poderiam ser retidos ao final do ciclo, mas os Estados, municípios e escolas poderiam optar se continuariam com a seriação ou sistema de ciclos. O Ensino Fundamental é dividido em dois ciclos: o primeiro, Ensino Fundamental I, vai do primeiro ao quinto ano (antigamente intitulada alfabetização à quarta-série) e o Ensino Fundamental II, do sexto ao nono ano (antigamente intitulado quinta à oitava-série).

O sistema de ciclos pretende:

[...] os Ciclos de Aprendizagem surgem como uma concepção de ensino em que a escola deve integrar aos conteúdos trabalhados à realidade do aluno e da comunidade em que esteja inserido. É uma organização de ensino que exige a transformação da postura do educador em relação ao processo ensino-aprendizagem, entendendo que cada aluno possui um determinado tempo, resultante de sua história de vida, que interfere na construção de seu conhecimento. É uma concepção de educação onde a aprendizagem do aluno ocorre sem as rupturas temporais existentes na organização escolar em séries, torna-se um processo contínuo, valorizando a formação global humana. (SANTOS, 2003, p. 107).

Respeitar o tempo do aluno não é fácil, e o sistema de ciclo é favorável neste sentido, pois a partir do momento que o professor compreende e respeita esse tempo o seu aluno irá se sentir mais confortável e disposto a interagir com seus colegas, não irá desenvolver apenas o seu lado social, mas também na área do ensino e da aprendizagem. As crianças precisam se sentir confortáveis no âmbito escolar, para isso faz-se necessário que o currículo seja adequado à eles, para além do currículo, LEITE fala sobre outra medida que devem ser tomadas na escola:

Entendemos que duas medidas básicas precisam ser defendidas e efetivadas: primeira, a organização de um currículo adequado ao desenvolvimento do aluno; segunda, a instituição da promoção automática. [...] Está claro que esses dois programas (pois que são programas de demorada organização e aplicação) não eliminam os outros problemas: a necessidade de instalações adequadas, de maior permanência na escola, e assim por diante, que devem ser entendidos como necessidades básicas para o ajustamento da criança à escola. (LEITE, p. 190-191).

Tanto o sistema de ciclos como a seriação possuem seus pontos positivos e negativos, enquanto na visão de muitos um reprova precocemente, levando em consideração que cada aluno tem o seu devido tempo para aprender, o outro reprova os alunos tardiamente, pois ao chegar ao final de um ciclo, por vezes, os alunos não estão aptos para mudar de ciclo. Para além

desse pode-se levantar outro questionamento, quanto a responsabilidade na reprovação do aluno, Machi (2009) afirma que: “[...] O que se tem notado é o fato de que a responsabilidade pela reprovação do aluno nem sempre é do aluno, mas recai na omissão do professor e da ineficácia da escola, que também inclui o professor e outros setores externos.” (MARCHI, p. 50).

A experiência e análise referente as turmas do 3º ano e 5º ano do Ensino Fundamental

Análise do 5º ano

O PIBID proporcionou aos educandos um desenvolvimento na sua aprendizagem relacionada a leitura, a escrita e interpretação, as crianças não tinham muitos problemas devido ao trabalho realizado com a turma no 3º ano.

Esse programa encontra-se na escola a 4 anos, e essa turma já conhecia o trabalho do PIBID, pois enquanto estava no 3º ano o mesmo entrou na escola e conseqüentemente nessa turma especifica, desta forma esse é o segundo ano que a turma (90% dela) é beneficiada com o trabalho do PIBID, os próprios alunos relatam que no 3º ano a turma era um caos, eram indisciplinados, barulhentos, não se esforçavam para desenvolver sua aprendizagem e eles até brincam que conseguiram expulsar 6 professoras, a 7ª professora conseguiu ter o controle da turma e realizar seu trabalho com êxito, mas ela não estava sozinha, havia as pibidianas auxiliando a turma e desenvolvendo projetos que facilitasse a aprendizagem dos mesmos, muitas crianças ainda não eram alfabetizadas, mas conseguiram com o esforço da professora e das bolsistas serem alfabetizados e conseqüentemente passarem para a série seguinte sem muitas dificuldades.

Acompanhando os alunos por todo ano letivo percebemos melhoras em sua leitura e escrita, na leitura os alunos passaram a diferenciar as suas entonações para adequar ao gênero trabalhado e aos personagens da história, durante sua leitura as pontuações passaram a ser respeitadas, mas esse é o resultado de um trabalho realizado durante todo o ano, no início a leitura era realizada por obrigação, eles engoliam letras, acentos, não davam pausas, era uma leitura corrida, mas através de atividades lúdicas trabalhando o gênero textual de diferentes formas, como por exemplo, dramatizações, as crianças se envolveram e tomaram gosto pela leitura. Antes eles só traziam brinquedos para sala, mas agora notamos que alguns trazem livros, e não são apenas infantis, trazem livros que são relacionados a auto ajuda, livros

confeccionados por eles mesmos, mangas, histórias em quadrinhos, vemos uma diversidade de conteúdo na sala.

O gosto pela escrita foi um processo mais demorado, eles alegavam que tinham preguiça em escrever e suas produções não passavam de 6\7 linhas, não havia muitas pontuações, eles não usavam as pontuações adequadas para seu texto e escreviam com bastantes erros ortográficos, então aos poucos solicitamos um número maior de linhas que deveriam ser escritas, e para estimular essa escrita utilizamos a leitura, procurávamos levar alguma literatura referente ao tema trabalhado para os alunos terem ideia do que escrever.

As produções de textos geralmente estão atreladas a leitura, pois em sala as produções das crianças são lidas, ou seja, as crianças compartilham sua escrita com os demais colegas, desta forma a leitura e escrita andam sempre juntas, mesmo que de forma imperceptível, quando escrevemos estamos lendo individualmente nossa produção, então mesmo que a leitura não seja audível para turma estamos realizando um tipo de leitura, e a partir da leitura pudemos ajudar as crianças a desenvolverem sua escrita, pois a medida que lemos vamos conhecendo a maneira certa de escrever algumas palavras, a maneira de como utilizar as pontuações e partindo da literatura conhecida e apreciada pelos alunos auxiliamos a sua escrita.

Procuramos realizar atendimento individual sempre que temos essa oportunidade, pois assim trabalhamos as dificuldades individuais, não expondo a criança, pois devemos ter cuidado para não traumatizar a criança com a exposição do seu erro, se isso acontecer ela terá medo de escrever ou medo de falar por achar que irá cometer um erro, então quando realizamos correções coletivas, procuramos analisar os erros comuns entre as atividades, e não corrigi-los, mas levar aos alunos refletirem sobre esse erro e tentar corrigir, sendo assim nos tornamos mediadoras do conhecimento, pois orientamos no lugar de entregar a resposta pronta, fazemos o aluno buscar seu conhecimento.

Muitos dos erros cometidos em provas são questões que não souberam interpretar, então buscamos trabalhar isso, pois responder uma questão sabendo interpretar possivelmente teremos um acerto, então através de estratégias de estímulo a leitura, pois através da leitura expandimos nosso vocabulário, conhecendo palavras que antes eram desconhecidas, procuramos selecionar palavras que achávamos que os alunos desconhecesse no texto que iríamos trabalhar e mostramos seu significado, ou pedimos que eles procurassem no dicionário. Trabalhamos a estrutura de um texto, mas precisamente de um gênero textual,

sendo assim, quando os alunos esbarram em uma fabula ou um conto eles logo sabem identificar pela estrutura especifica que cada texto possui.

Realizar rodas de conversas referente a algum texto lido para saber o que os alunos acharam se configurou como uma ótima estratégia para saber o nível de interpretação dos alunos, outra estratégia foi assistir filmes direcionando o olhar do aluno, assim as atividades que planejamos referente ao filme era para que eles interpretassem, refletisse ou até criticar a ação\atitude de algum personagem ou algum acontecimento\cena do filme, a leitura silenciosa também foi utilizada como estratégia, primeiro os alunos liam individualmente para se familiarizar com o texto e posteriormente fazíamos leituras coletivas, foram trabalhadas estratégias simples, mas que obtiveram resultados positivos no desenvolvimento do aluno e no nosso desenvolvimento enquanto graduanda, pois colocamos em prática e analisamos nossa prática mediante a leitura, escrita e interpretação dos alunos

Atualmente presenciamos belíssimas produções, não precisamos propor limites de linhas, pois eles mesmos já desenvolveram sua capacidade de escrever textos, obedecendo as regras de estrutura e pontuação, os erros ortográficos que encontramos são mínimos e nos surpreendemos com a criatividade que possuem. A leitura realizada é pausada e com a entonação adequada, não precisamos propor leituras, eles trazem a leitura até nós, eles fazem uso dos livros que estão presente na sala de aula, eles realmente mostram que se desenvolveram e isso é motivo de grande alegria e satisfação para nós, podemos afirmar que estão prontos para as séries seguintes.

Análise do 3º ano

O terceiro ano seria o ano de consolidação do que vem sido aprendido no primeiro e no segundo ano, mas tendo em vista o sistema adotado pela escola que vigorava anteriormente, era o sistema de ciclos, mas a escola voltou a adotar o sistema de seriação. Como já vínhamos discutindo no decorrer do texto, não se pode dizer qual o motivo dos alunos não estarem conseguindo acompanhar a série, ou os conteúdos que são dispostos em sala de aula.

Na Escola Maria José de Carvalho Souza, pode-se fazer um comparativo entre as duas turmas de terceiro ano (2016 e 20017), quanto ao desenvolvimento e aprendizagem dos alunos no decorrer destes dois anos. Quanto a leitura e escrita no ano de 2016 os alunos, mesmos advindos dos sistemas de ciclos, em sua maioria conseguiam ler e escrever, desenvolvia-se mais atividades voltadas para a turma em geral, tendo em vista que o que

buscávamos era desenvolver atividades mais voltadas para o lúdico e envolvendo todos os alunos, dos 33 alunos que estudavam no terceiro ano, no ano de 2016, apenas 3 ficaram retidos e voltaram no ano posterior para refazer a série (3º ano).

Quanto a turma do terceiro ano, do ano de 2017, pode-se perceber que estes chegaram ao terceiro ano, com mais problemas na área de leitura e escrita, do que os alunos do ano anterior, não se pode afirmar o motivo desta, sabendo que cada criança possui sua particularidade, vivem em condições e aprendem em tempos distintos, e como não acompanhamos eles no ano anterior não podemos avaliar como se deu o ensino e a aprendizagem deles no ano anterior.

O acompanhamento destas no decorrer deste ano se deu de duas formas: através de atividades mais voltadas para lúdico, com todos os alunos, pois não se deve desenvolver atividades apenas com alunos que possuem dificuldades, pois não é isso que o programa propõe. Esse acompanhamento contínuo, se dá/dava através de ditados, leituras de livros de suas escolhas, como também de textos que são elaborados por mim e minhas colegas pibidianas na escola, textos esses que trazem a realidade da criança, não somente abordando textos discursivos, mas músicas, poemas, listas de feira, entre outros, também utilizando da interdisciplinaridade, pois não trabalhamos apenas leitura e escrita e os alunos não apresentavam dificuldades apenas nessas áreas, mas sempre buscando trabalhar a leitura dentro das atividades desenvolvidas, não importa de qual disciplina seja.

No início do ano a professora que estava responsável pela sala, havia nos apresentado uma lista com o nome de 18 alunos, dos 33, que possuíam pouco ou nenhum nível de leitura, e quanto a escrita estes apenas faziam cópias, mas não sabiam o que estavam copiando. Então eu e minhas colegas de projeto, focamos nesses alunos, buscando fazer um acompanhamento individual, algumas atividades envolviam apenas esses alunos. Dos dois dias que estávamos presentes na escola, um dia era apenas para trabalhar com eles, e o outro com a turma toda, para que todos os alunos pudessem estar conosco e não se sentissem excluídos de alguma forma, pois sempre que buscávamos os alunos que possuíam algum tipo de dificuldades eles expressavam o desejo de estar conosco e participar dessas atividades.

Desenvolvemos no decorrer do primeiro semestre um projeto voltado para leitura e escrita, mas com subtemas que estivessem ligados ao projeto que estava sendo trabalhado na escola, para uma melhor assimilação dos alunos. Ao fim do semestre fizemos uma apresentação, como culminância na festividade junina da escola. Voltamos no segundo

semestre com um novo projeto, voltado para o meio ambiente, desenvolvendo atividades que despertassem o interesse dos alunos, focando nas paisagens naturais e modificadas pelo homem.

No ponto de desenvolvimento da leitura e da escrita dos mesmos, podemos perceber que houve um grande avanço da parte dos alunos, devido o trabalho que a professora vinha/vem desenvolvendo em sala de aula e com nossa ajuda, mas ainda podemos perceber que as crianças possuem dificuldades nesta área, pois eles relatam que não são estimulados a estudar em casa e devido ao sistema de ciclos que vigorava anteriormente na escola, os alunos apenas progrediam de série, sem ter noções básicas de leitura e escrita, assim em vez de firmar suas bases no terceiro ano, as crianças estavam/estão aprendendo no terceiro ano.

Considerações Finais

É evidente que o Programa Institucional de Bolsa e Iniciação à Docência é muito importante para a nossa formação como futuras professoras; tendo em vista nossa intervenção na sala de aula, é visível que a nossa intervenção dentro da sala de aula traz benefícios para o desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos das turmas do terceiro e quinto ano. Podemos considerar que ambos, sistema de ciclos e seriação, possuem seus pontos positivos e negativos quanto a aprendizagem e desenvolvimento pessoal dos alunos, e que nós não podemos afirmar que os problemas no desenvolvimento na leitura e escrita dos alunos advém desses dois sistemas que encontram-se presentes nas escolas do nosso país, mas estes também podem advir dos métodos utilizados pelos professores para alfabetizar os alunos, por isso é tão importante tomarmos conhecimento, estudarmos, como também trabalhar com as contribuições que Emília Ferreiro nos trouxe através dos seus estudos.

Referências Bibliográficas

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Disponível em: <<http://capes.gov.br/educacaobasica/capespibid>> . Acesso em: 1 de nov. 2017.

CAPES/DEB. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Diretoria de Educação Básica Presencial. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/Edital02_PIBID2009.pdf>. Acesso em: 1 de nov. 2017.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999. 304p.

LEITE, D. M. **Promoção automática e adequação do currículo ao desenvolvimento do aluno**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 84, n. 206/207/208, p. 185-196, jan/dez. 2003.

MARCHI, Maurílio. **A progressão continuada no sistema de ciclos, a atuação e a formação do professor**. Disponível em: < https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/machi_m_do_mar.pdf>. Acesso em: 10 de ago. 2017.

SANTOS, J. G. **Ciclos de aprendizagem: as duas faces da política educacional municipal**. In: MACHADO, E. M.; CORTELAZZO, I. B. C. (Org.). Pedagogia em debate: desafios contemporâneos. Curitiba – PR: Universidade Tuiuti do Paraná–UTP 2003. Livro virtual Disponível em: <http://www.utp.br/mestradoeducacao/peddc.html>. Acesso em: 30 out. 2008.

SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e letramento: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale\FaE\UFMG, 2005. 64 p.

